

## **VERBOS DE CRIAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CLASSIFICAÇÃO E REPRESENTAÇÃO LEXICAL**

*por Luana Lopes Amaral (UFMG)<sup>1</sup> e Márcia Cançado (UFMG)<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

Neste artigo, apresentamos uma proposta de análise semântico-lexical para os verbos de criação do português brasileiro. Discutimos o estatuto de classe verbal desse agrupamento de verbos, mostrando que eles parecem fazer parte de uma classe mais ampla, e desenvolvemos uma proposta de representação lexical para eles, utilizando a linguagem da decomposição de predicados. Por fim, propomos uma análise com base na polissemia verbal para a ocorrência de alguns verbos de criação em uma estrutura sintática intransitiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** verbos de criação; classe verbal; representação lexical; decomposição de predicados.

### **VERBS OF CREATION IN BRAZILIAN PORTUGUESE: CLASSIFICATION AND LEXICAL REPRESENTATION**

### **ABSTRACT**

In this paper, we present a lexical-semantic analysis for the verbs of creation in Brazilian Portuguese. We discuss the status of verb class of this group of items and we show that they seem to be part of a wider verb class. We develop a lexical representation for this wider class, adopting the predicate decomposition approach. Finally, we propose that the occurrence of some verbs of creation in an intransitive syntactic structure is the result of a polysemy process.

**KEYWORDS:** verbs of creation; verb class; lexical representation; predicate decomposition.

---

1. Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais e Mestre em Linguística pelo mesmo programa. Luana Amaral agradece o apoio financeiro da CAPES.

2. Professora Associada IV da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e Doutora em Linguística pela Universidade de Campinas. Márcia Cançado agradece o apoio financeiro do CNPq e da FAPEMIG.

## 1. INTRODUÇÃO

Os verbos conhecidos na literatura como *verbos de criação* são tradicionalmente definidos como verbos que denotam eventos em que um objeto<sup>3</sup> (que aparece na posição de complemento do verbo) é criado a partir de determinada ação (DOWTY, 1979; LEVIN, 1993; PIÑÓN, 2008). Alguns exemplos desse tipo de verbo são:

- (1) O pedreiro construiu um sobrado
- (2) A Clarice escreveu um livro
- (3) O Da Vinci pintou um quadro magnífico

Nos exemplos de (1) a (3), mostramos sentenças do português brasileiro (PB) que descrevem eventos em que objetos (uma casa, um livro e um quadro magnífico) são criados a partir das ações de construir, escrever e pintar, respectivamente. Também são considerados verbos de criação aqueles que denotam a criação de algo abstrato, como nos exemplos a seguir:

- (4) A Sandy compôs uma música
- (5) Santos Dumont inventou o avião
- (6) Pitágoras formulou um teorema

Dowty (1979), Pinker (1989), Levin (1993) e Piñón (2008), que desenvolvem trabalhos tendo como língua objeto o inglês, consideram que os verbos de criação formam uma classe. Levin (1993) propõe, ainda, uma subdivisão da classe dos verbos de criação, considerando os diferentes tipos de objetos criados. A autora separa em subclasses distintas verbos como *build* (construir), *create* (criar), *bake* (assar) e *draw* (desenhar). Além disso, ainda considera como verbo de criação outros tipos de verbos que têm como resultado a existência de algo, como *sing* (cantar), em sentenças como: *Sandy sang a song* (Sandy cantou uma música).

Vale notar que a literatura sobre verbos de criação é bastante limitada. Em abordagens de semântica lexical, que é a aqui adotada, apenas Levin (1993) trata desse tema, fazendo somente uma listagem desses verbos, sem propor de fato uma análise mais rígida. Os outros trabalhos aqui citados (DOWTY, 1979; STECHOW, 2001; PIÑÓN, 2008) são em Semântica Formal e possuem objetivos muito diferentes dos deste trabalho e, por isso, não entramos em detalhes sobre essas propostas. Os autores que serão citados na seção 3 (PINKER, 1989; VAN VALIN, 2005; CANÇADO, GODOY, 2011) apresentam análises para os verbos de criação; porém, o fazem em meio a discussões sobre outros assuntos, não tendo como objeto de estudo de suas pesquisas esse grupo de verbos.

Neste artigo, pretendemos suprir parte dessa carência de estudos e apresentamos uma análise semântico-lexical para os verbos de criação do PB, diferenciando-nos das propostas existentes na literatura, como Levin (1993) e Piñón (2008, 2010). Propomos que em PB os verbos de criação não constituem uma classe verbal. Adotamos uma metodologia de classificação rígida dos verbos, em

---

3. Neste artigo, chamamos de *objeto* uma entidade física no mundo e de *complemento* a função sintática de objeto direto.

que apenas propriedades semânticas que têm impacto na sintaxe são relevantes. Mostramos que a propriedade semântica que agrupa os verbos de criação, denotar eventos em que um objeto é criado a partir de determinada ação, não tem impacto na sintaxe e, por isso, não é relevante para a classificação dos verbos. Não consideramos, diferentemente de Levin (1993), que verbos como *cantar* fazem parte desse agrupamento de verbos, pois estes, chamados pela autora de *performance verbs*, possuem propriedades semânticas e sintáticas bem distintas das dos verbos aqui analisados. Para a realização desta pesquisa, analisamos 62 verbos do PB, entre verbos tradicionalmente considerados verbos de criação e outros verbos que, segundo a nossa proposta, farão parte da classe maior que contém os verbos de criação.

Na seção seguinte, discutimos o estatuto de classe dos verbos de criação; na seção 3, propomos uma representação lexical para a classe à qual eles pertencem, utilizando a linguagem da decomposição de predicados; na seção 4, propomos que uma aparente alternância de transitividade que ocorre com alguns desses verbos é resultado de um processo de polissemia; concluindo, apresentamos nossas considerações finais.

## 2. OS VERBOS DE CRIAÇÃO DO PB E A CLASSIFICAÇÃO VERBAL

### 2.1. Classes verbais

Nos estudos da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, assume-se a hipótese de que os determinantes da estrutura sintática (especificamente a configuração sintática dos argumentos dos verbos) são propriedades semântico-lexicais dos itens verbais (CANÇADO, 2005; KOENIG; DAVIS, 2006). Dessa forma, a ocorrência de uma mesma configuração sintática em diferentes verbos é atribuída a propriedades semânticas compartilhadas por esses itens. Esses tipos de propriedades semânticas são o que determina a classificação dos verbos.

As classes verbais são, então, agrupamentos de verbos definidos a partir de propriedades semânticas que tenham impacto no comportamento sintático (LEVIN, 1993; CANÇADO, GODOY, AMARAL, 2013). Portanto, neste artigo, assumimos que as classes verbais são agrupamentos de verbos que compartilham não só propriedades semânticas, mas também propriedades sintáticas. Um exemplo de uma classe verbal do PB é o grupo de verbos de mudança de estado. Esses verbos compartilham o acarretamento *ficar estado* (como em (7b), (8b) e (9b)) e participam da alternância causativo-incoativa (como mostram as sentenças alternantes em (c) de (7) a (9)):<sup>4</sup>

- (7) a. O menino quebrou a janela  
b. A janela ficou quebrada  
c. A janela (se) quebrou

---

4. A alternância causativo-incoativa é um processo semântico-lexical no qual um verbo alterna sua estrutura argumental entre uma forma transitiva, com um argumento agente ou causa na posição de sujeito e um argumento paciente na posição de complemento, e uma forma intransitiva, com o argumento paciente na posição de sujeito. Por exemplo, o *João quebrou o vaso/o vaso se quebrou*. A forma intransitiva pode em PB ser marcada com o clítico *se*. Sobre a alternância causativo-incoativa no PB, ver Cançado (2010) e Cançado *et al.* (2013).

- (8) a. A sujeira entupiu a pia  
b. A pia ficou entupida  
c. A pia (se) entupiu
- (9) a. O menino rasgou a meia-calça da mulher  
b. A meia-calça da mulher ficou rasgada  
c. A meia-calça da mulher (se) rasgou

Segundo Cançado e Amaral (2010), é o sentido recorrente de mudança de estado que determina a ocorrência desse tipo de configuração sintática e que agrupa esses verbos em uma classe.

Diferentemente do caso dos verbos de mudança de estado, Levin e Rappaport-Hovav (1992) mostram que os verbos que denotam movimento não formam uma classe, pois cada um dos itens com essa propriedade semântica apresenta um tipo diferente de comportamento sintático:

- (10) O menino jogou o papel no cesto  
(11) O menino acompanhou a amiga  
(12) A folha de papel caiu

Os verbos em (10) a (12) são verbos de movimento, pois acarretam que pelo menos um de seus argumentos percorre uma trajetória. Porém, em (10) o verbo é bitransitivo, em (11), o verbo é transitivo e em (12), intransitivo. A propriedade semântica de movimento não é, então, relevante para a estruturação sintática dos argumentos dos verbos e, por isso, não agrupa os itens verbais em uma classe.

Os verbos de criação, como já mostramos, possuem o sentido recorrente de criação de um objeto a partir de determinada ação. Segundo as definições encontradas na literatura para esse agrupamento de verbos (DOWTY, 1979; LEVIN, 1993; PIÑÓN, 2008), é essa propriedade semântica que caracteriza os verbos de criação como uma classe e, de acordo com a hipótese dos estudos da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, é ela também que deveria determinar as configurações sintáticas possíveis para os argumentos desses verbos. Entretanto, mostraremos que não é isso o que ocorre no PB, discutindo o estatuto de classe dos verbos de criação dessa língua a seguir.

## 2.2. A classificação dos verbos de criação

Os verbos de criação são tradicionalmente agrupados apenas por sua propriedade semântica em comum: denotar a criação de um objeto a partir de determinada ação. Porém, em PB, esses verbos também compartilham outros tipos de propriedades semânticas e sintáticas. Verbos como os exemplificados em

---

5. Verbos bieventivos são verbos que denotam um evento complexo, composto por dois subeventos, normalmente, um subevento de ação e um resultado. Ver Dowty (1979), Pinker (1989), Levin e Rappaport-Hovav (2005) e Cançado *et al.* (2013).

(1) a (6), dentre outros, são bieventivos<sup>5</sup>, denotam *accomplishments*<sup>6</sup> e tomam um argumento agente. Além disso, são transitivos, podem ser passivizados e não ocorrem na alternância causativo-incoativa<sup>7</sup>:

- (13) a. O pedreiro construiu um sobrado  
b. Um sobrado foi construído pelo pedreiro  
c. \*Um sobrado (se) construiu
- (14) a. O poeta escreveu um livro  
b. Um livro foi escrito pelo poeta  
c. \*Um livro (se) escreveu
- (15) a. O Da Vinci pintou um quadro magnífico  
b. Um quadro magnífico foi pintado pelo Da Vinci  
c. \*Um quadro magnífico (se) pintou
- (16) a. A Sandy compôs uma música  
b. Uma música foi composta pela Sandy  
c. \*Uma música (se) compôs
- (17) a. Santos Dumont inventou o avião  
b. O avião foi inventado por Santos Dumont  
c. \*O avião (se) inventou
- (18) a. Pitágoras formulou um teorema  
b. Um teorema foi formulado por Pitágoras  
c. \*Um teorema (se) formulou

A princípio, poder-se-ia considerar que os verbos de criação do PB formam uma classe verbal, pois todos apresentam as mesmas propriedades sintáticas, além de possuírem um sentido em comum. Entretanto, apesar de se comportarem como classe verbal nesse sentido, os verbos de criação compartilham propriedades sintáticas com outros verbos que não denotam a criação de um objeto a partir de determinada ação. Alguns exemplos desses verbos são:

- (19) a. O sociolinguista transcreveu a entrevista  
b. A entrevista foi transcrita pelo sociolinguista  
c. \*A entrevista (se) transcreveu

---

6. Segundo Vendler (1967), os verbos podem ser divididos em quatro classes de acordo com seu aspecto lexical: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. *Accomplishments* são eventos caracterizados por terem um início, um meio e um ponto final bem delimitado. Neste artigo, assumimos a posição de Rothstein (2004) em relação aos verbos de *accomplishment*: a classificação aspectual é lexical, ou seja, o verbo é marcado lexicalmente como *accomplishment*, entretanto, o mesmo pode ocorrer em um SV atético, como em a *Maria quebrou pratos por duas horas*. Uma sentença como essa também pode ser analisada como um uso de verbo de *accomplishment* em um aspecto gramatical imperfectivo iterativo (a Maria realizou o evento de *accomplishment* *quebrar um prato* repetidas vezes, durante duas horas). Para mais detalhes, consultar o texto da autora.

7. Aqui é importante ressaltar que a forma incoativa dos verbos não corresponde à leitura reflexiva.

- (20) a. O secretário copiou um documento  
b. Um documento foi copiado pelo secretário  
c. \*Um documento (se) copiou
- (21) a. As crianças encenaram uma peça de Shakespeare  
b. Uma peça de Shakespeare foi encenada pelas crianças  
c. \*Uma peça de Shakespeare (se) encenou
- (22) a. O malfeitor sequestrou a moça  
b. A moça foi sequestrada pelo malfeitor  
c. \*A moça (se) sequestrou
- (23) a. O ladrão roubou o projeto  
b. O projeto foi roubado pelo ladrão  
c. \*O projeto (se) roubou

Nos exemplos de (19) a (23), as sentenças em (a) não denotam a criação do objeto em posição de complemento do verbo. *A entrevista, o documento e a peça de Shakespeare*, em (19) a (21), não são criados a partir das ações de *transcrever, copiar e encenar*, respectivamente. Esses objetos já existem no mundo e são representados de alguma forma a partir das ações nomeadas pelos verbos. Ainda, a *moça* e o *projeto*, em (22) e (23), apenas são afetados de alguma forma pelas ações de *sequestrar* e *roubar*. Apesar de esses verbos não denotarem a criação de um objeto a partir de determinada ação, eles não apresentam comportamento sintático distinto dos verbos de criação apresentados anteriormente. Além das propriedades sintáticas, esses verbos também compartilham com os verbos de criação as propriedades semânticas de serem *bieventivos*, denotarem eventos de *accomplishment* e serem *agentivos*.

Além disso, alguns verbos de criação também podem formar sentenças em que o argumento na posição de complemento do verbo não é um objeto criado a partir da ação nomeada pelo verbo. Por exemplo:

- (24) O pedreiro construiu a casa projetada pelo engenheiro  
(25) A professora escreveu o nome da aluna  
(26) A artista pintou o Palácio de Versalhes<sup>8</sup>

Apesar de os verbos *construir, escrever e pintar* serem considerados verbos de criação prototípicos, nas sentenças acima, *a casa projetada pelo engenheiro, o nome da aluna e o Palácio de Versalhes* não passam a existir como consequência das ações de *construir, escrever e pintar*, respectivamente. Todos esses objetos já existem no mundo e são apenas representados de alguma forma através das ações descritas pelos verbos. Uma forma de evidenciar que esses objetos já existem no mundo é construir sentenças com elementos anafóricos (MCCREADY, 2006) que retomam esses objetos. Sentenças como (24), (25) e (26), repetidas aqui em (28), (30) e (32), respectivamente, podem ser comparadas com sentenças como (1), (2) e (3), repetidas aqui em (27), (29) e (31), respectivamente:

---

8. A interpretação do verbo *pintar* nessa sentença é *fazer uma pintura*, e não *cobrir de tinta*.

- (27) O pedreiro construiu um sobrado  
??Ele já tinha sido visto pelo construtor
- (28) O pedreiro construiu a casa projetada pelo engenheiro  
Ela já tinha sido vista pelo construtor
- (29) A Clarice escreveu um livro  
??Ele já tinha sido lido pelos alunos.
- (30) A professora escreveu o nome da aluna (no quadro)  
Ele já tinha sido lido pelos alunos (no diário de classe)
- (31) O Da Vinci pintou um quadro  
??Ele já tinha sido admirado.
- (32) A artista pintou o Palácio de Versalhes  
Ele já tinha sido admirado.

Comparando os exemplos em (27) e (28), concluímos que *construir um sobrado* denota uma criação, já que o sobrado não tinha existência material antes do evento, como mostra a estranheza da segunda sentença. Se o sobrado não existia, não podia ter sido visto anteriormente. Ao contrário, *construir a casa projetada pelo engenheiro* não denota uma criação no mesmo sentido da que ocorre no caso de (27). A casa projetada já existia, como um projeto, antes de ser construída. Por isso, podemos dizer que a casa projetada tinha sido vista antes de ser construída. O sentido de criação, parece, então, a partir desses exemplos, estar ligado também ao tipo de SN complemento do verbo. Da mesma forma, podemos comparar os exemplos em (29) e (30) e em (31) e (32). Em (29), *escrever um livro* denota a criação, já que não é possível ler o livro antes que seja escrito; entretanto, em (30) *escrever o nome da aluna* não denota a criação do nome da aluna, que já existe. É possível que esse nome já tenha sido lido pelos alunos em outras ocasiões, antes de a professora escrevê-lo. Por fim, em (31), *pintar um quadro* denota a criação de um quadro, que não pode ser apreciado antes de sua pintura; diferentemente, em (32), *pintar o Palácio de Versalhes* não denota a criação e o palácio pode ter sido admirado antes de ter sido pintado.

Esses exemplos mostram que argumentos que não podem ser retomados pelas expressões anafóricas (em sentenças que contêm uma flexão verbal que localiza o evento antes da ocorrência do evento descrito pelo verbo de criação) denotam objetos que são criados a partir das ações nomeadas pelos verbos. Diferentemente, se o objeto denotado já existia, o argumento pode ser retomado pela expressão anafórica dessas sentenças. Esse teste pode ser também aplicado aos verbos *transcrever*, *copiar* e *encenar*:

- (33) O sociolinguista transcreveu a entrevista  
Ela já tinha sido ouvida pelo professor.

(34) A secretária copiou um documento  
Ele já tinha sido lido pelo chefe.

(35) As crianças encenaram uma peça de Shakespeare  
Ela já tinha sido lida pelos alunos.

Levin (1993) e Piñón (2008) propõem para o inglês que o uso dos verbos de criação em sentenças como (28), (30) e (32) resulta da possibilidade de classificação desses verbos em outras classes, que não a classe dos verbos de criação. Nesses casos, os verbos *build* (construir), *write* (escrever) e *paint* (pintar) seriam agrupados com outros verbos que denotam a representação de objetos, na mesma classe que verbos similares a *transcrever*, *copiar* e *encenar* em PB. Porém, acreditamos que, pelo menos em nossa língua objeto, não existem motivações morfossintáticas para propor que verbos como *transcrever*, por exemplo, e esse tipo de uso dos verbos de criação façam parte de outra classe, eles não apresentam comportamentos sintáticos distintos. A nossa proposta é que alguns verbos podem denotar a criação de um objeto, dependendo do SN em posição de complemento (como nos exemplos (27) a (32)), mas a propriedade semântica relevante para a sintaxe e que agrupa os verbos em uma classe não é a criação do objeto. Reforçamos com esses dados a nossa hipótese, de que existe uma classe verbal mais ampla que comporta os verbos de criação, além de outros tipos de verbos.

Ainda nos resta mostrar uma outra propriedade sintática, específica dos verbos aqui analisados, que os separará de outros tipos de verbos transitivos que também apresentam as mesmas propriedades sintáticas aqui apontadas. Até este ponto, elencamos apenas três propriedades sintáticas dos verbos: ser transitivo, aceitar passivização e não participar da alternância causativo-incoativa. A partir dessas propriedades, pode parecer que a classe que estamos investigando comporta todos os verbos transitivos do PB que não denotam mudança de estado (que claramente se distinguem dessa classe pela propriedade sintática da alternância causativo-incoativa), entre eles os verbos conhecidos como *location* e *locatum* (CLARK, CLARK, 1979), como *enjaular* e *temperar*; verbos benefactivos, como *ajudar* (WENCESLAU, 2003); verbos de modo de afetação, como *esfregar* (GODOY, 2012); verbos instrumentais, como *martelar* (MEIRELLES, 2013); e, até mesmo, alguns verbos psicológicos, como *amar* (CANÇADO, 2002, 2012).

Entretanto, considerando uma quarta propriedade morfossintática, é possível mostrar que existem diversas classes de verbos transitivos, que aceitam a passiva, que não denotam mudança de estado e se diferenciam sintaticamente da classe que será proposta neste artigo. Os verbos pertencentes à classe mais ampla que comporta os verbos de criação dão origem a nomes que denotam eventos e que têm como característica o fato de serem nomes transitivos, ou seja, que pedem argumentos. A partir desses nomes, podem ser formados SNs com os mesmos argumentos do verbo, e o agente aparece em posição de adjunção nesse sintagma, como um agente da passiva. Segundo Tenny (1992), esses SNs denotam uma perspectiva passiva, e a autora chama essa propriedade morfossintática de NP-*passivization*. Apresentamos a seguir alguns exemplos:

- (36) a construção de um sobrado pelo pedreiro
- (37) a escrita de um livro pelo poeta
- (38) a pintura de um quadro pelo Da Vinci
- (39) a composição de uma música pela Sandy
- (40) a invenção do avião por Santos Dumont
- (41) a formulação de um teorema por Pitágoras
- (42) a transcrição da entrevista pelo sociolinguista
- (43) a cópia de um documento pelo secretário
- (44) a encenação de uma peça de Shakespeare pelas crianças
- (45) o sequestro da moça pelo malfeitor
- (46) o roubo do projeto pelo ladrão

Os outros tipos de verbos transitivos citados não possuem essa propriedade e, portanto, não se encaixam na classe proposta:

- (47) \*o enjaulamento/a enjaulação do bicho pelo dono do circo
- (48) \*o temperamento/a temperação da carne pela cozinheira
- (49) \*a ajuda do menino pelo pai
- (50) \*a esfregação/o esfregamento do carro pelo frentista do posto
- (51) \*a martelagem/o martelamento do prego pelo pedreiro
- (52) \*o amor da moça pelo namorado<sup>9</sup>

Dessa forma, delimitamos a classe proposta através das propriedades semânticas e sintáticas comuns dos verbos, listadas acima. Isto é, esses verbos formam uma classe por apresentarem as propriedades semânticas de serem bieventivos, denotarem *accomplishments*, tomarem um argumento agente na posição de sujeito; e por apresentarem as propriedades sintáticas de aceitarem a formação de SNs eventivos a partir do verbo de origem, repetindo no SN a estrutura argumental desses verbos, serem transitivos, poderem ser passivizados e não aceitarem a alternância causativo-incoativa. Chamaremos essa classe, descritivamente, de “verbos com nomes eventivos”. Apresentamos a seguir uma lista com os 62 verbos analisados e que fazem parte dessa classe:

(53) *abater, agredir, anotar, arrombar, assaltar, assassinar, assinar, atacar, bordar, cadastrar, capturar, compor, conceber, confeccionar, construir, copiar, costurar, criar, cultivar, derrotar, desenvolver, digitar, documentar, edificar, elaborar, encenar, entalhar, escrever, esculpir, estabelecer, fabricar, fiar, filmar, formar, formular, fundar, idealizar, imitar, imprimir, instituir, inventar, mapear, massacrar, montar, pintar, preparar, produzir, projetar, raptar, redigir, reformar, registrar, reparar, representar, reproduzir, resgatar, retratar, roubar, sequestrar, tecer, transcreever, tricotar.*

Visto, então, que esses verbos têm várias propriedades semânticas e sintáticas em comum, mostraremos como pode ser estabelecida uma estrutura semântica para essa classe, através de uma representação lexical em termos de decomposição de predicados.

9. Essa nominalização não reflete que a *moça* é o complemento do verbo *amar* e o *namorado* o sujeito; ao contrário, no caso, a *moça* é o sujeito, e o *namorado* o complemento: *A moça ama o namorado*. Portanto, teríamos uma propriedade distinta da que estamos analisando.

### 3. REPRESENTAÇÃO LEXICAL

#### 3.1. A decomposição de predicados

Para representar as partes do sentido dos verbos que são relevantes para a sintaxe, que definem as classes verbais, os semanticistas lexicais utilizam as chamadas representações lexicais, que são maneiras de formalizar o sentido dos verbos que está presente no léxico. As representações lexicais são, então, formas de se representar o conteúdo semântico-lexical dos verbos através de uma metalinguagem. Tais representações possuem um papel muito importante nas generalizações gramaticais sobre os verbos e as classes verbais.

Para formular representações lexicais para a classe dos verbos com nomes eventivos, utilizaremos a linguagem da decomposição semântica em predicados primitivos, ou simplesmente, decomposição de predicados (DOWTY, 1979; PINKER, 1989; JACKENDOFF, 1990; LEVIN, RAPPAPORT-HOVAV, 1992, 2005; VAN VALIN, 2005; WUNDERLICH, 1997, 2012; CANÇADO, GODOY, AMARAL, 2013). Na decomposição de predicados, o próprio sentido dos verbos é decomposto em unidades menores e é representado por meio de uma estrutura de argumentos e predicados, assumindo-se, então, que o sentido dos verbos não é unitário, mas composto de partes. As propriedades semânticas relevantes para a formulação de classes verbais são representadas por elementos primitivos que são predicadores e seus argumentos e modificadores (em alguns casos).

Os predicados primitivos são predicados escolhidos com base nos elementos semânticos recorrentes no sentido de vários verbos e pertencem a um grupo finito de itens que são capazes de identificar todas as propriedades semânticas relevantes para a formação das classes verbais. Alguns exemplos de predicados primitivos recorrentes na literatura são ACT, CAUSE e BECOME. Nas representações, os termos são mantidos em inglês por convenção; trata-se de uma metalinguagem, e não de itens lexicais de uma língua natural. Argumentos desses predicados podem ser variáveis, raízes ou outros predicados primitivos já saturados. As variáveis representam os argumentos do verbo; X, Y, Z, etc. indicam o número de argumentos que um verbo necessita para ter seu sentido saturado. As raízes são informações semânticas presentes nos verbos que não são compartilhadas por outros membros da mesma classe verbal, ou seja, informação semântica idiossincrática que não é recorrente nos sentidos dos vários verbos. Cada raiz pertence a uma categoria ontológica. Dentre as categorias ontológicas encontradas na literatura, podemos citar *state*, *manner*, *event* e *thing*. Essas categorias determinam o tipo das raízes de cada verbo; por exemplo se a raiz denota um estado, uma maneira, um evento, uma coisa, etc. Raízes de categoria *manner* são modificadores.

A seguir apresentamos um exemplo de representação (retirado de CANÇADO, GODOY, AMARAL, 2013):

(54) *quebrar*: [BECOME Y <QUEBRADO>]

Na representação de *quebrar* (em sua forma incoativa, como em *O vidro (se) quebrou*), há o predicado primitivo BECOME, que indica mudança, a variável Y, que indica o argumento do verbo e a raiz <QUEBRADO>, que indica o sentido idiossincrático, a mudança ser para o estado de quebrado.

Outros verbos de mudança de estado, como *entupir* e *rasgar*, compartilham com *quebrar* a parte da estrutura comum à classe, mas não compartilham o conteúdo da raiz. A representação da classe dos verbos de mudança de estado (na forma incoativa) é:

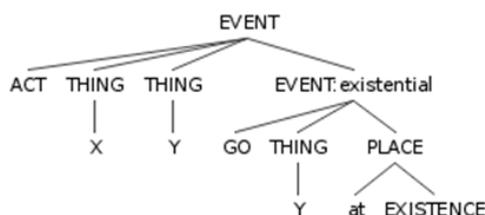
(55) v: [BECOME Y <STATE>]

Essa estrutura pode ser parafraseada como *y fica em determinado estado*. State denomina a classe de raízes que podem entrar na estrutura, ou seja, raízes que denotam estados.

Apresentamos também algumas propostas desse tipo de representação para os verbos de criação:

(56) *escrever*: [[X ACT <sub><ESCREVER></sub>] CAUSE [CREATION of Y]]

(57) *make* (fazer):



(58) *write* (escrever): **do'** (x, [**write'** (x, y)]) & INGR **exist'**(y)<sup>10</sup>

As estruturas apresentadas acima contêm duas variáveis, X e Y, que indicam os argumentos do verbo. Em (56), a estrutura proposta por Cañado e Godoy (2011) contém ainda um predicado ACT, modificado pela raiz do verbo, e o predicado CREATION, que representa o sentido de criação do objeto, além de CAUSE, predicado que relaciona a ação e o resultado. Em (57), a estrutura proposta por Pinker (1989) para os verbos de criação do inglês contém também o predicado ACT, mas sem especificação, e a criação é representada como uma mudança de lugar, através da estrutura [Y GO [at EXISTENCE]]. Por fim, em (58), a estrutura proposta por Van Valin (2005) para o inglês, assim como a estrutura de Cañado e Godoy (2011) para o PB, apresenta um primeiro subevento especificado, porém com o predicado **do'**, e não ACT; o conectivo & relaciona a ação e o resultado, representado pela estrutura [INGR **exist'**].

Utilizando, então, a metalinguagem apresentada acima, delinearemos uma proposta de representação lexical para os verbos analisados. Proporemos uma estrutura de decomposição de predicados para a classe de verbos com nomes eventivos que explicita as propriedades semânticas relevantes da classe.

10. A notação utilizada por Pinker (1989), que propõe a estrutura em (57), difere da notação utilizada neste artigo. As representações propostas pelo autor são em forma de árvore. Na notação de colchetes, a estrutura poderia ser escrita como v: [[X ACT Y] CAUSE [Y GO [at EXISTENCE]]]. A notação utilizada por Van Valin (2005), que propõe a estrutura em (58), também difere da notação utilizada neste artigo. Nas representações do autor, predicados são anotados em negrito e seguidos de apóstrofo, operadores são anotados em caixa alta, os argumentos são anotados entre parênteses, e os colchetes delimitam a parte da estrutura que contém o sentido idiossincrático do verbo.

### 3.2. A estrutura de decomposição de predicados

Na literatura, encontramos representações lexicais para os verbos de criação que explicitam a propriedade semântica comum desses verbos: denotar a criação de um objeto a partir de determinada ação, como mostramos em (56) a (58). Nas propostas de autores como Pinker (1989), Van Valin (2005) e Cançado e Godoy (2011), os verbos de criação são decompostos em estruturas que podem ser parafraseadas da seguinte maneira:

Um agente X cria/faz existir um objeto Y a partir de determinada ação/agindo de determinada maneira. Dessa forma, encontramos nessas estruturas predicados primitivos como CREATION, EXIST e EXISTENCE.

Entretanto, como já mostramos na seção 2.2, em que discutimos o estatuto de classe verbal dos verbos de criação, a propriedade semântica representada por tais predicados primitivos não parece ser a propriedade semântica relevante para a classificação dos verbos de criação, que de fato não constituem por si só uma classe verbal. Aplicando a paráfrase em (59) aos nossos dados, é possível sugerir que essas representações não abarcam outros verbos que se comportam como os verbos de criação e que, na verdade, não abarcam todos os tipos de sentenças que podem ser formadas com esses verbos:

- (60) a. O pedreiro construiu um sobrado  
b. O pedreiro cria/faz existir um sobrado construindo
- (61) a. O pedreiro construiu a casa projetada pelo engenheiro  
b. ?O pedreiro cria/faz existir a casa projetada pelo engenheiro construindo
- (62) a. A Sandy compôs uma música  
b. A Sandy cria/faz existir uma música compondo
- (63) a. O pesquisador transcreveu a entrevista  
b. ?O pesquisador cria/faz existir a entrevista transcrevendo

Ainda, através das propriedades sintáticas dos verbos, concluímos que itens muito diferentes dos verbos de criação também fazem parte da classe de verbos com nomes eventivos, como mostramos em (53), verbos como *sequestrar* e *roubar*, por exemplo:

- (64) a. O assaltante sequestrou a moça  
b. \*O assaltante cria/faz existir a moça sequestrando
- (65) a. O ladrão roubou o projeto  
b. \*O ladrão cria/faz existir o projeto roubando

Diferentemente dos testes sintáticos que apresentamos neste artigo, as paráfrases não podem ser consideradas evidências irrefutáveis, pois existem outros tipos de paráfrases possíveis que não se restringem às propriedades semânticas relevantes gramaticalmente (como é o caso da paráfrase o *João criou/fez existir uma casa construindo* para a sentença o *João construiu uma casa*). Mas ainda assim, Pinker (1989) e Parsons (1990) afirmam que paráfrases recorrentes em grupos de verbos ou paráfrases que parecem inadequadas em relação ao conjunto podem ser consideradas indícios do conteúdo semântico dos verbos. Com esses dados, propomos que a paráfrase em (59) não reflete as propriedades semânticas relevantes dos verbos com nomes eventivos, nem as propriedades semânticas compartilhadas por todos os verbos da classe. Assim, propomos também que na representação lexical desses verbos não estão presentes predicados primitivos como CREATION, EXIST e EXISTENCE<sup>11</sup>. As diferentes interpretações dos verbos de criação resultam de fatores extralexicais, como o próprio SN em posição de complemento do verbo (a diferença, por exemplo, entre as sentenças em (60a) e (61a)). Outros verbos que mostramos em nossos exemplos não possuem o sentido de criação de um objeto como parte de seu sentido.

Com base nas informações que já temos sobre a semântica desses verbos, podemos desde já considerar alguns elementos que devem estar presentes na representação. Primeiramente, sabemos que são transitivos, bieventivos e que denotam eventos do tipo aspectual *accomplishment*. Para a representação dessas propriedades, a estrutura deverá conter duas variáveis, X e Y, que representam os dois argumentos dos verbos, e o predicado primitivo CAUSE, que relaciona dois subeventos de um evento complexo e deriva o aspecto lexical de *accomplishment* (DOWTY, 1979; CANÇADO, GODOY, AMARAL, 2013). Evidência para a presença de CAUSE na estrutura da forma transitiva é a ambiguidade das sentenças com *quase* (MORGAN, 1969; DOWTY, 1979). Essa ambiguidade reflete a bieventualidade, pois resulta de diferentes possibilidades de escopo do advérbio sobre os subeventos do verbo. A seguir mostramos a aplicação do teste do *quase* com alguns verbos:

- (66) a. O pedreiro quase construiu o sobrado  
b. O que o pedreiro quase fez foi construir o sobrado  
c. O que o pedreiro fez foi quase construir o sobrado

- (67) a. O artista quase compôs uma música  
b. O que o artista quase fez foi compor uma música  
c. O que o artista fez foi quase compor uma música

- (68) a. O pesquisador quase transcreveu a entrevista  
b. O que o pesquisador quase fez foi transcrever a entrevista  
c. O que o pesquisador fez foi quase transcrever a entrevista

Sentenças como as em (a) de (66) a (68) denotam eventos complexos, pois são ambíguas com *quase*, ou seja, existem dois subeventos sobre os quais *quase* pode ter escopo. As duas interpretações possíveis

---

11. Ainda, existem alguns autores que propõem que o segundo subevento dos verbos de criação contém o predicado BECOME (DOWTY, 1979; VAN VALIN, 2005). Entretanto, os verbos de criação não parecem denotar eventos de mudança. Assumiremos aqui, seguindo Stechow (2001) e Cançado (2013), que esses verbos não são representados com o predicado BECOME.

para essas sentenças, uma em que o evento não foi iniciado (o escopo do advérbio está no primeiro subevento, a ação) e outra em que o evento foi iniciado, mas não concluído (o escopo do advérbio está sobre o segundo subevento, o resultado), estão indicadas nas paráfrases em (b) e (c), respectivamente. Note-se que o verbo *quebrar* na forma intransitiva, por exemplo, não apresenta tal ambiguidade, não sendo representado pelo metapredicado CAUSE, como mostramos em (53). *O vaso quase quebrou* tem apenas uma interpretação em relação ao escopo de *quase*.

Para verificar quais são os outros elementos presentes na representação desses verbos, primeiramente tentaremos encontrar a paráfrase adequada para eles, que reflita as propriedades semânticas que têm em comum. Para isso, analisemos novamente alguns diferentes tipos de sentenças com os verbos:

- (69) O professor escreveu o nome do aluno
- (70) O matemático formulou um teorema
- (71) As crianças encenaram o descobrimento do Brasil

Já mostramos que a propriedade semântica em jogo nesses casos não é a criação do objeto. Sabemos também que esses verbos denotam uma ação, pois só aceitam um agente, e um resultado, pois têm um segundo subevento. Assim, propomos que a paráfrase mais adequada para eles é uma sentença que explicita a bieventualidade, a ação e o tipo de resultado que esses verbos denotam. Em todas as sentenças acima, há, como resultado da ação, a realização de determinado evento, a escrita de algo, a formulação de algo e a encenação de algo, o que é evidenciado pelos SNs formados a partir desses verbos. Propomos, então, a seguinte paráfrase para esses verbos<sup>12</sup>:

- (72) Um agente X faz/realiza um evento de Y

Para cada verbo em particular, propomos paráfrases como as em (b), nos exemplos a seguir:

- (73) a. O pedreiro construiu a casa projetada pelo engenheiro  
b. O pedreiro fez/realizou a construção da casa projetada pelo engenheiro
- (74) a. O professor escreveu o nome do menino  
b. O professor fez/realizou a escrita do nome do menino
- (75) a. O artista pintou uma flor  
b. O artista fez/realizou a pintura de uma flor
- (76) a. A Sandy compôs uma música  
b. A Sandy fez/realizou a composição de uma música
- (77) a. Santos Dumont inventou o avião  
b. Santos Dumont fez/realizou a invenção do avião

---

12. Paráfrases semelhantes podem ser encontradas em Godoy (2012), somente para verbos como *assaltar* e *sequestrar*, e em Piñón (2010), somente para alguns verbos de criação.

- (78) a. Pitágoras formulou um teorema  
 b. Pitágoras fez/realizou a formulação de um teorema
- (79) a. O sociolinguista transcreveu a entrevista  
 b. O sociolinguista fez/realizou a transcrição da entrevista
- (80) a. A secretária copiou o documento  
 b. A secretária fez/realizou a cópia do documento
- (81) a. As crianças encenaram o descobrimento do Brasil  
 b. As crianças fizeram/realizaram a encenação do descobrimento do Brasil

A paráfrase proposta também se aplica aos verbos como *sequestrar* e *roubar*:

- (82) a. O assaltante sequestrou a moça  
 b. O assaltante fez/realizou o sequestro da moça
- (83) a. O ladrão roubou o projeto  
 b. O ladrão fez/realizou o roubo do projeto

Considerando a paráfrase que propomos, concluímos que o sentido comum aos verbos dessa classe é a realização de um evento, por parte de um agente, em um outro participante, denotado pelo segundo argumento. O sentido idiossincrático de cada verbo é a especificação do tipo desse evento, que pode ser um evento de criação, como no caso dos verbos *construir*, *pintar*, etc., pode ser um evento de representação, como no caso de *transcrever*, *encenar* e alguns usos de verbos de criação ou, ainda, pode ser um evento de qualquer outro tipo, como no caso de *sequestrar*, *roubar* e vários outros verbos, que mostramos em (53).

Com base nas evidências apresentadas e na paráfrase em (72), propomos a seguinte estrutura de decomposição de predicados para os verbos de criação e os outros verbos da classe com nomes eventivos do PB:

- (84) v: [[X ACT] CAUSE [<EVENT> OF Y]]

Na estrutura, CAUSE é o predicado primitivo que estabelece uma relação causal entre dois subeventos, [X ACT] e [<EVENT> OF Y]. O segundo subevento é formado pela raiz, de categoria ontológica *event* (ou seja, as raízes devem denotar eventos), pela variável Y e por um predicado primitivo que os relaciona, OF. Na literatura, preposições são geralmente assumidas como predicadores diádicos (HALE; KEYSER, 2002; NEGRÃO *et al.*, 2008), portanto, o predicado OF na estrutura é biargumental, tomando <EVENT> e Y como argumentos e relacionando a raiz a Y. Como estamos tratando de verbos agentivos, vamos manter a marca dessa agentividade com o predicado ACT relacionado a X (seguindo PINKER, 1989 e CANÇADO, 2010)<sup>13</sup>.

13. Segundo Wunderlich (2012) e Cançado *et al.* (2013), o subevento [X ACT] pode denotar também uma causa. Nesse caso, para explicitar o caráter agentivo do argumento X, pode-se acrescentar a ACT um modificador VOLITION que indica volição e agentividade necessárias (como propõem CANÇADO *et al.*, 2013). A estrutura com esse modificador seria: v: [[X ACT<sub>VOLITION</sub>] CAUSE [<EVENT> OF Y]].

As representações lexicais dos verbos *construir*, *escrever*, *pintar*, *compor*, *inventar*, *formular*, *transcrever*, *copiar*, *encenar*, *sequestrar* e *roubar* serão:

- (85) *construir*: [[X ACT] CAUSE [<CONSTRUÇÃO> OF Y]]
- (86) *escrever*: [[X ACT] CAUSE [<ESCRITA> OF Y]]
- (87) *pintar*: [[X ACT] CAUSE [<PINTURA> OF Y]]
- (88) *compor*: [[X ACT] CAUSE [<COMPOSIÇÃO> OF Y]]
- (89) *inventar*: [[X ACT] CAUSE [<INVENÇÃO> OF Y]]
- (90) *formular*: [[X ACT]] CAUSE [<FORMULAÇÃO> OF Y]]
- (91) *transcrever*: [[X ACT]] CAUSE [<TRANSCRIÇÃO> OF Y]]
- (92) *copiar*: [[X ACT] CAUSE [<CÓPIA> OF Y]]
- (93) *encenar*: [[X ACT]] CAUSE [<ENCENAÇÃO> OF Y]]
- (94) *sequestrar*: [[X ACT]] CAUSE [<SEQUESTRO> OF Y]]
- (95) *roubar*: [[X ACT]] CAUSE [<ROUBO> OF Y]]

#### 4. UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA A APARENTE ALTERNÂNCIA INTRANSITIVA

Ainda nos resta explicar uma propriedade sintática peculiar de alguns verbos de criação, a ocorrência em uma forma intransitiva. Assumimos neste artigo que os verbos de uma mesma classe compartilham as mesmas propriedades sintáticas. Entretanto, dentre os verbos que determinamos como pertencentes à classe dos verbos com nomes eventivos, existem alguns verbos de criação que se comportam diferentemente, ocorrendo em um tipo de sentença intransitiva:

- (96) O professor escrevia
- (97) A artista pintava

O mesmo tipo de propriedade sintática não é licenciado por outros verbos da mesma classe:

- (98) \*O pedreiro construía
- (99) \*Pitágoras formulava
- (100) \*O ladrão sequestrava

A existência de uma propriedade sintática licenciada por uns, e não por outros verbos, justificaria sua separação em classes distintas. Assim, haveria duas classes de verbos com nomes eventivos: os verbos não alternantes, como *construir*, e os verbos alternantes como *escrever*, como propõe Dowty (1979) para o inglês. Entretanto, propomos que esse não é caso, pelo menos do PB. Além da diferença sintática, um mesmo verbo apresenta diferentes propriedades semânticas nas formas intransitiva e transitiva. Ao contrário de suas contrapartes transitivas, *escrever*, *pintar* e outros em sua forma intransitiva denotam eventos simples, são monoeventivos, e denotam eventos do tipo aspectual atividade<sup>14</sup>. De acordo com Levin e Rappaport-Hovav (1995), quando as diferenças sintáticas são acompanhadas por diferenças semânticas, o fenômeno é um caso de polissemia verbal, e não de

14. Como proposto por Vendler (1967), atividades são eventos dinâmicos que se desenvolvem no tempo sem um ponto final delimitado.

alternância. Para a explicação desse fenômeno, que ocorre com alguns verbos de criação<sup>15</sup>, seguiremos a proposta das autoras.

Segundo Levin e Rappaport-Hovav (1995), uma raiz pode ser associada a mais de uma estrutura de decomposição de predicados por causa de suas propriedades semânticas. A entrada de uma raiz em diferentes estruturas é uma consequência de que essa raiz pode ser classificada em mais de uma categoria ontológica e é uma fonte de polissemia verbal. Esse processo ocorre em várias classes de verbos. Por exemplo, Cançado, Godoy e Amaral (2013) apresentam uma série de exemplos de verbos que entram em diferentes classes verbais por causa do conteúdo semântico de suas raízes. Um exemplo muito interessante é o verbo *uniformizar*. Segundo Cançado, Godoy e Amaral (2013), *uniformizar* pode ser um verbo de mudança de estado, com raiz de categoria ontológica *state*, ou um verbo de mudança de posse, com raiz de categoria ontológica *thing*:

- (101) a. O pedreiro uniformizou a cor da parede  
(Acarreta que a cor da parede ficou uniforme)  
b. *uniformizar*: [[X ACT] CAUSE [BECOME Y <UNIFORME>]]

- (102) a. O menino uniformizou os soldadinhos de brinquedo  
(Acarreta que os soldadinhos de brinquedo ficaram com uniforme)  
b. *uniformizar*: [[X ACT] CAUSE [BECOME Y WITH <UNIFORME>]]

Como afirmam Levin e Rappaport-Hovav (1995), o mesmo verbo apresenta comportamento sintático diferente dependendo do sentido (da estrutura de decomposição de predicados à qual a raiz está associada), o que é uma decorrência de sua participação em diferentes classes verbais. Por exemplo, *uniformizar* participa da alternância causativo-incoativa como verbo de mudança de estado: *O pedreiro uniformizou a cor da parede/ A cor da parede (se) uniformizou (com a pintura)*, mas não participa dessa alternância como verbo de mudança de posse: *O menino uniformizou os soldadinhos de brinquedo/ \*Os soldadinhos de brinquedo (se) uniformizaram (com a brincadeira)*.

Propomos que o que ocorre com verbos como *escrever* e *pintar* é um processo polissêmico, como o que ocorre com *uniformizar*. Uma primeira evidência para essa proposta tem a ver com a dupla categorização ontológica das raízes desses verbos. Nas formas transitivas, essas raízes são da categoria ontológica *event*, assim é possível construir, a partir dos verbos, SNs com denotação eventiva, como já mostramos:

- (103) O professor escreveu a carta / a escrita da carta pelo professor  
(104) A artista pintou o quadro / a pintura do quadro pela artista

A denotação eventiva desses SNs pode ser evidenciada através de um teste. Eventos são acontecimentos com início e final delimitados (MOENS, STEEDMAN, 1988), por isso podem ocorrer na posição de sujeito do verbo *durar*:

---

15. Oito dos nossos 62 dados: *bordar, costurar, digitar, escrever, esculpir, pintar, tecer, tricotar*.

(105) A escrita da carta pelo professor durou duas horas

(106) A pintura do quadro pela artista durou duas horas

Diferentemente, nas formas intransitivas, as raízes dos verbos não são da categoria ontológica *event*. Assim, SNs construídos a partir dos verbos não possuem denotação eventiva:

(107) O professor escrevia / a escrita do professor

(108) A artista pintava / a pintura da artista<sup>16</sup>

Como não denotam eventos e não possuem início e final delimitados, esses SNs não podem ocorrer na posição de sujeito do verbo durar:

(109) \*A escrita do professor durou duas horas

(110) \*A pintura da artista durou duas horas<sup>17</sup>

A diferente denotação dos nomes relacionados aos verbos transitivos e intransitivos sugere que a mesma raiz pode pertencer a duas categorias ontológicas diferentes.

Outra evidência que podemos citar para a proposta da polissemia é a questão da relação entre o aspecto gramatical e os argumentos desses verbos. Operadores do nível da sintaxe, como o aspecto gramatical, não são capazes de alterar a estrutura argumental de um verbo. Por exemplo, se se constrói uma sentença com um verbo de mudança de estado em um tempo verbal que exprime aspecto imperfectivo, o verbo continua pedindo o segundo argumento:

(111) O João quebrava [*o quê?*]

Entretanto, não é isso que ocorre com os verbos de criação que apresentam uma forma intransitiva. Quando o aspecto gramatical é alterado (entre a flexão de pretérito imperfeito e de perfeito), o número de argumentos pedidos pelo verbo também se altera:

(112) O professor escrevia

(113) O professor escreveu [*o quê?*]

(114) A artista pintava

(115) A artista pintou [*o quê?*]

Nas sentenças em (112) e em (114), os verbos não pedem um segundo argumento. Porém, em (113) e em (115), em que os verbos são flexionados no pretérito perfeito, há uma estranheza, pois faltam os segundos argumentos dos verbos nas sentenças.

---

16. Essas construções se diferenciam da propriedade morfossintática característica dos verbos com nomes eventivos, pois nesses casos os nomes aparecem apenas com um argumento, o agente, que ocorre encabeçado por *de*, e não por *por*.

17. Essa sentença é agramatical considerando *a artista* como agente; se o argumento *a artista* for interpretado como o objeto da pintura, a sentença torna-se gramatical e o SN é relacionado ao verbo *pintar* transitivo.

A nossa análise para esses exemplos é que esses verbos pedem um segundo argumento somente no perfeito porque essa flexão carrega um aspecto gramatical perfectivo, que é compatível, preferencialmente, com um aspecto lexical de *accomplishment* (COMRIE, 1976). Esse aspecto lexical está relacionado ao verbo *escrever* transitivo, que pede um segundo argumento. Em contrapartida, com uma flexão de aspecto gramatical imperfectivo, esses verbos passam a denotar eventos de atividade e, assim, o verbo em questão é o intransitivo, não sendo necessário o segundo argumento. Esses verbos podem ocorrer com uma flexão de perfeito somente se outros elementos da sentença indicarem aspecto imperfectivo, ou seja, imprimirem um caráter durativo/cursivo ao evento, como no exemplo *O artista pintou a noite toda* ou *O artista pintou muito*. O diferente número de argumentos em diferentes aspectos gramaticais, então, resulta do processo de polissemia, não do aspecto gramatical propriamente.

Ainda, podemos elencar como evidência da polissemia desses verbos o fato de que nas suas formas transitivas os verbos de criação podem formar derivados com o prefixo *re-*; entretanto, na forma intransitiva isso não é possível:

- (116) a. A professora reescreveu o nome do menino  
b. \*A professora reescrevia

- (117) a. A artista repintou a imagem do rei  
b. \*A artista repintava

Com base em Dowty (1979), Meirelles e Cançado (2013) propõem para o PB que o prefixo *re-* pode ocorrer apenas com verbos que denotem *accomplishments* ou com verbos que estejam inseridos em sintagmas verbais télicos, desde que também denotem *accomplishments*; verbos que denotem atividades não aceitam tal prefixação. O diferente comportamento dos verbos em relação ao prefixo mostra que as diferentes formas do mesmo verbo denotam tipos de evento diferentes.

Tendo mostrado evidências para a nossa proposta, voltamo-nos agora para a representação lexical das formas intransitivas dos verbos. Propomos que as raízes de verbos como *escrever* e *pintar* podem ser classificadas ontologicamente como *event*, na forma transitiva, ou como *manner*, na forma intransitiva. Assim, essas raízes podem entrar em uma estrutura de decomposição de predicados modificando ACT (proposta inicialmente por PINKER, 1989) ou em uma estrutura complexa, em que dois subeventos são relacionados por CAUSE.

Apresentamos uma evidência e um indício para a categorização dessas raízes como *manner*, seguindo as propostas de Amaral (2013) e Cançado, Godoy e Amaral (2013). A evidência já foi mostrada acima, ou seja, o fato de que SNs relacionados aos verbos intransitivos não podem ocorrer na posição de sujeito de *durar*. Maneiras não são acontecimentos, não possuem início e final delimitados, assim, essa classificação é corroborada pelo teste com o verbo *durar*. Além disso, como indício de que existe um componente semântico de maneira no sentido desses verbos, podemos construir paráfrases para sentenças com os SNs. Nos exemplos a seguir, as sentenças em (b) parafraseiam as sentenças em (a):

- (118) a. A escrita do poeta atraiu a atenção dos leitores  
b. A maneira como o poeta escreve atraiu a atenção dos leitores
- (119) a. A pintura da menina chamou a atenção da professora  
b. A maneira como a menina pinta chamou a atenção da professora<sup>18</sup>

Por fim, propomos a seguinte estrutura de decomposição de predicados para verbos como *escrever* e *pintar* na forma intransitiva:

(120) *v*: [X ACT<MANNER>]

Na estrutura, há apenas um subevento (não há CAUSE), que corresponde à estrutura aspectual desses verbos (atividade). Há também apenas uma variável, o X, o que representa o fato de que esses verbos são intransitivos, tomando apenas um argumento. O predicado ACT representa agentividade e é modificado pela raiz dos verbos, de categoria ontológica *manner*. A representação individual dos verbos *escrever* e *pintar* é:

(121) *escrever*: [X ACT<ESCREVER>]

(122) *pintar*: [X ACT<PINTAR>]

Esses verbos se configuram em uma nova classe, cujo sentido recorrente é agir de certa maneira, e que podemos apelidar de “classe dos verbos de maneira de agir”. Através de suas raízes, cada verbo em particular especifica qual é a maneira, se escrevendo, pintando, bordando, tricotando, etc. A possibilidade de ser classificada em mais de uma ontologia e de ocorrer em mais de uma estrutura de decomposição de predicados é uma propriedade específica de cada raiz, e não de uma classe verbal. Isso explica o fato de apenas alguns verbos de criação apresentarem uma forma intransitiva.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos uma proposta de análise semântico-lexical para os verbos de criação do PB. Primeiramente, mostramos que esses verbos não se configuram em uma classe verbal e que a propriedade semântica de denotar a criação de um objeto através de determinada ação não é relevante para a estruturação sintática, e, conseqüentemente, também não o é para a classificação verbal. Propomos que os verbos de criação do PB fazem parte de uma classe mais ampla, que contém também outros tipos de verbos, como *transcrever*, *sequestrar*, etc. Essa classe ampla compartilha as propriedades semânticas: ter um argumento agente, denotar um *accomplishment*, ser bieventivo e ter como paráfrase *fazer/realizar evento de y*. Se o evento, especificado pela raiz do verbo, for um evento de criação, então o verbo será um verbo de criação. Além disso, essa classe compartilha as propriedades sintáticas: ser transitivo, aceitar passivização, não aceitar alternância causativo-incoativa e formar um nome eventivo transitivo. A partir das propriedades semânticas comuns aos verbos da classe, construímos uma representação lexical em termos de decomposição de predicados.

18. Consideramos aqui o sentido do nome *pintura* relevante para a interpretação do SN como relacionado ao verbo *pintar* intransitivo. Descartamos a interpretação de *pintura* como um objeto. Para mais detalhes, ver Autor(es) (2013).

Na última seção, analisamos a ocorrência de alguns verbos de criação em uma forma intransitiva. Mostramos que os verbos que apresentam esse fenômeno possuem diferentes propriedades semânticas nas formas transitiva e intransitiva. Assim, propomos que o que ocorre nesses casos é um tipo de polissemia verbal, e não uma alternância. Verbos como *escrever* e *pintar*, então, fazem parte da classe mais ampla que propomos, mas através do processo polissêmico, migram para uma outra classe verbal, composta de verbos intransitivos.

## REFERÊNCIAS

Amaral, L. (2013). *Os predicados primitivos ACT e DO na representação lexical dos verbos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Cançado, M. (2012). Verbos psicológicos: uma classe relevante gramaticalmente? *Revista Veredas*, 16:2, 1-18.

\_\_\_\_\_ (2010). Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, 3:1, 77-111.

\_\_\_\_\_ (2005). Posições argumentais e propriedades semânticas. *DELTA*, 21:1, 23-56.

\_\_\_\_\_ (2002). Uma aplicação da teoria generalizada dos papéis temáticos: verbos psicológicos. *Revista do GEL*, 0, 93-128.

Cançado, M. & Godoy, L. (2011). Semantic representation and argument structure. In A. I. França & M. Maia (eds.), *Papers in Psycholinguistics – Proceedings of the First International Psycholinguistics Congress*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 191-203.

Cançado, M. & Amaral, L. (2010). Representação lexical de verbos incoativos e causativos no PB. *Revista da ABRALIN*, 9:2, 123-147.

Cançado, M.; Godoy, L. & Amaral, L. (2013). *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Volume I: verbos de mudança. Belo Horizonte: Editora UFMG. 404 p.

Clark, E. & Clark, H. (1979). When nouns surface as verbs. *Language*, 55:4, 767-811.

Comrie, B. (1976) *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press. 142 p.

Dowty, D. (1979). *Word meaning and montague grammar*. Dordrecht: D. Reidel. 448 p.

- Godoy, L. (2012). *A reflexivização no português brasileiro e a decomposição semântica de predicados*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Hale, K. & Keyser, S. (2002). *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press. 296 p. (Linguistic Inquiry Monographs, 39)
- Jackendoff, R. (1990). *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press. 322 p. (Current Studies in Linguistics, 18)
- Koenig, J-P. & Davis, A. (2006). The key to lexical semantic representations. *Journal of Linguistics*, 42, 71-108.
- Levin, B. (1993). *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: University of Chicago Press. 366 p.
- Levin, B. & Rappaport-Hovav, M. (2005). *Argument realization*. Cambridge: Cambridge University Press. 288 p. (Research Surveys in Linguistics)
- \_\_\_\_\_ (1995). *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press. 336 p. (Linguistic Inquiry Monographs, 26)
- \_\_\_\_\_ (1992). The lexical semantics of verbs of motion: the perspective from unaccusativity. In I. Roca (eds.), *Thematic Structure: its role in Grammar*. Berlin: Foris, 247-269.
- McCready, E. (2006). Created objects, coherence and anaphora. *Journal of Semantics*, 23:3, 251-279.
- Meirelles, L. (2013). *Os verbos instrumentais no PB*. Monografia de Bacharelado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: [www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes](http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes).
- Meirelles, L. & Cançado, M. (2013). *Análise semântica do prefixo re- em verbos do português brasileiro*. Manuscrito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Moens, M. & Steedman, M. (1988). Temporal ontology and temporal reference. *Computational Linguistics*, 14:2, 15-28.
- Morgan, J. (1969). On arguing about semantics. *Papers in Linguistics*, 1, 49-70.
- Negrão, E., Scher, A. & Viotti, E. (2008). Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In J. Fiorin (ed.), *Introdução à linguística*, vol.2, Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 81-109.
- Parsons, T. (1990). *Events in the semantics of English*. Cambridge: MIT Press. 334 p. (Current Studies in Linguistics)

- Pinker, S. (1989). *Learnability and cognition: the acquisition of argument structure*. Cambridge: MIT Press. 427 p.
- Piñón, C. (2010). Draw. In M. Rappaport Hovav, E. Doron & I. Sichel (eds.), *Lexical semantics, syntax, and event structure*. Oxford: Oxford University Press, 270-283.
- \_\_\_\_\_ (2008). Verbs of creation. In J. Dölling, T. Heyde-Zybatow & M. Schäfer (eds.), *Event structures in linguistic form and interpretation*. Berlin: Walter de Gruyter, 493-521.
- Rothstein, S. (2004). *Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect* Blackwell: Oxford. 220 p.
- Stechow, A. (2001). Temporally opaque arguments in verbs of creation. In C. Cecchetto, G. Chierchia & M. T. Guasti (eds.), *Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications, 278-319.
- Tenny, C. (1992). The aspectual interface hypothesis. In I. Sag & A. Szabolcsi (eds.), *Lexical matters*. Stanford, Calif: Center for the Study of Language and Information, 1-27.
- Van Valin, R. (2005). *Exploring the syntax-semantics interface*. Cambridge: Cambridge University Press. 330 p.
- Vendler, Z. (1967). *Linguistics in philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press. 203 p.
- Wenceslau, F. (2003). *Verbos beneficiários: um estudo na interface entre semântica e sintaxe*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Wunderlich, D. (2012). Lexical decomposition in grammar. In M. Werning, W. Hinzen & E. Machery (eds.), *The Oxford handbook of compositionality*. Oxford: Oxford University Press, 307-327.
- \_\_\_\_\_ (1997). Cause and the structure of verbs. *Linguistic Inquiry*, 28:1, 27-68.